



Da ficção à realidade: um confronto das denominações lexicais para *prostituta* registradas na novela *A Indomada* com os dados do *Atlas Linguístico de Pernambuco*

Edmilson José de Sá (CESA)¹
edjm70@gmail.com

Resumo: A proposta de resumo visa a uma apresentação acerca da variação lexical na fala de pernambucanos. Para tanto, foi selecionada a carta 33 do *Atlas Linguístico de Pernambuco - ALiPE* (SÁ, 2013), com as denominações para a mulher que se vende (vende o corpo) para qualquer homem. Com o aporte acerca da Dialectologia e da Geolinguística (NASCENTES, 1958; CARDOSO, 2010), necessário à fundamentação teórico-metodológica para a criação de atlas linguísticos, elucidaram-se os parâmetros para a construção do referido documento do falar pernambucano. Contudo, ao se confirmar a ideia de que a identidade cultural do Nordeste eventualmente é associada ao imaginário social proposto por histórias fictícias apresentadas no cinema, no teatro e na televisão, os dados cartografados em Pernambuco serão confrontados com as variantes capturadas em capítulos da telenovela *A Indomada* (SILVA, A., 1997) referente ao mesmo item lexical. O atlas citado construído com dados coletados em um Estado Nordestino apresenta a variação coletada em inquéritos realizados em 20 municípios, cujos dados serviram de base para construção de 105 cartas, das quais 47 se destacam na variação lexical. O destaque para as variantes de *prostituta* permitiu identificar vinte denominações em Pernambuco e vinte e sete na produção televisiva, o que torna relevante a análise comparativa e lexicográfica.

Palavras-chave: Léxico; Atlas linguístico; Pernambuco; A Indomada; Prostituta

Abstract: The proposal of this abstract aims to be a presentation about lexical variation in the speech of Pernambuco inhabitants. For this, the letter 33 of the Linguistic Atlas of Pernambuco - ALiPE (SÁ, 2013) was selected, with the denominations for the woman who sells the body to any man. With the Dialectology's and Geolinguistics' (NASCENTES, 1958; CARDOSO, 2010) contribution, necessary to theoretical-methodological principles for the creation of linguistic atlases, the parameters for the construction of this document of Pernambuco speech were elucidated. However, when confirmed the idea that the cultural identity of the Northeast is eventually associated with the social imaginary proposed by fictional stories presented in cinema, theater and television, the data mapped in Pernambuco will be confronted with the variants captured in chapters of the soap opera *A Indomada* (SILVA, A., 1997) referring to the same lexical item. The cited atlas constructed with data collected in a Northeastern State presents the variation collected in surveys conducted in 20 towns, whose data served as a basis for the construction of 105 letters, of which 47 stand out in the lexical variation. The highlight for the prostitute variants allowed the identification of twenty denominations in Pernambuco and twenty-seven at the television production, which makes comparative and lexicographic analysis relevant.

¹ Doutor em Letras (UFPB), Pós-doutor em Letras (UFPA). Professor de Língua e Literatura no Centro Superior de Arcoverde – CESA e colaborador no Mestrado Profltras, na Universidade de Pernambuco, campus Garanhuns.



Keywords: Lexicon; Linguistic atlas; Pernambuco; A Indomada; Prostitute

Introdução

Os estudos linguísticos de natureza dialetal e geolinguística começaram a ser evidenciados há 195 anos, quando o Visconde de Pedra Branca escreveu uma nota englobando diferenças dialetais entre o português europeu e o português brasileiro.

Desse momento em diante, os referidos estudos passaram por outras etapas, incluindo a que engloba o projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB, cuja gênese ascendeu a partir de 1996 quando se criou um comitê específico com vistas a elaboração do trabalho.

Contudo, décadas antes que o atlas linguístico nacional tivesse seus primeiros volumes publicados, a dialetologia estadual e regional ganhou destaque nas mesas dos pesquisadores. Assim, surgiram vários atlas linguísticos aos quais se somam inúmeros projetos ainda a serem implantados, em fase inicial de execução e até com inquéritos concluídos, mas sem a formatação do trabalho até então.

Dentre os atlas estaduais já concluídos, destaca-se um dos mais recentes, que registra a variação fonética, lexical e morfossintática no Estado de Pernambuco, como tese de doutorado organizada por Sá (2013).

Em consonância com Vilela (1994), que considera o léxico como o repositório do saber linguístico e ainda a janela através da qual um povo vê o mundo numa comunidade, optou-se por realizar um cotejo da variação lexical do falar pernambucano com uma obra novelística, que, embora fictícia, apresenta elementos da linguagem falada e tenta aproximar o telespectador com as culturas nordestina e inglesa. Trata-se da novela *A Indomada*, de autoria de Aguinaldo Silva e exibida pela TV Globo em 1997.

Léxico e multiculturalismo

Os estudos da linguagem, a cada dia, têm avançado significativamente e parte desses estudos decorre da aplicação de métodos inovadores. O método da Geolinguística, por exemplo, visa à descrição de uma realidade dialetal que, *a posteriori*, pode culminar num instrumento de análise da história de uma determinada região, já que o produto das pesquisas



dialetais pode explicar e documentar o passado com notável cientificidade, além, obviamente, de servir para coleta de material de pesquisa, à luz das correntes geográficas, com intuito de interpretar os fatos da língua historicamente.

Uma das dimensões usadas para documentar a realidade dialetal das comunidades é a lexical, embora, nos tempos áureos, ela se ocultava na gramática tradicional que passaram a surgir estudos ancorados em teorias lexicais, responsáveis pela descrição e análise linguística.

Na realidade, o reflexo das tradições, da história, do passado e do presente cabe justamente ao léxico, que visa à definição dos ambientes físico, social ou cultural, já que ele acumula o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo duma comunidade (VILELA, 1994, p. 6).

Se o léxico da língua é que mais reflete nitidamente o ambiente físico e social dos falantes, como preconiza Sapir (1969, p.45), é através dele que se encontram descobertas, avanços e encontros entre povos e culturas que, na língua, são nomeadas e repassadas de geração para geração, o que se confirma em Biderman (2001, p. 9), quando afirma que o léxico recorta realidades do mundo e define também fatos de cultura.

Os fatos de cultura a que Biderman (*op. cit.*) se manifestam amplamente através de experiências inter-relacionadas que se materializam a partir de fenômenos linguísticos variáveis reconhecidos nos atos de fala, pois no dizer de Santos (2006, p.20):

[...] tanto no estudo de culturas de sociedades diferentes quanto das formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo, apenas entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas. Nem tudo que é diverso o é da mesma forma.

Diante disso, ao compreender que a língua é um processo indissociável da cultura, percebe-se a experiência acumulada em uma comunidade, em que o léxico é um dos principais componentes, pois abarca o conhecimento necessário ao falante para se relacionar com o mundo extralinguístico.

Dialetologia e geolinguística: a ciência e o método



Via de regra, os estudos descritivos da língua seguem diferentes perspectivas. A *Dialetologia*, por exemplo, investiga as realizações linguísticas de uma dada comunidade, sem necessariamente, interpretá-las à luz de restrições externas, como ocorre com a *Sociolinguística*, mas dentro da própria estrutura da língua ou, como tem sido mais recorrente, com a adoção do método cartográfico emprestado pela geografia, daí o fato de esse método ser chamado de *Geografia Linguística* ou, simplesmente, *Geolinguística*.

A aplicação desse método, embora ainda pouco conhecido e não alcunhado foi pensada por Nascentes (1958), visando à realização de uma descrição detalhada no idioma falado no Brasil. Contudo, esse feito pareceu mais difícil do que ele pensava. Assim, o linguista adiou a elaboração de atlas regionais e também o seu projeto de Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor preconiza que “um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro embora seja muito vantajoso, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, 1958, p. 07)”.

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, alguns trabalhos importantes estão sendo ampliados a fim de servirem de apoio teórico aos estudos variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, trabalho pioneiro de Nelson Rossi em 1963, inspirou outros trabalhos atualmente localizados tanto nas bibliotecas do Brasil.

Depois do atlas baiano, destacaram-se outros trabalhos construídos à luz da Geolinguística: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA *et al.*, 1987), o *Atlas Linguístico de Paraná* (AGUILERA, 1996), o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH *et al.*, 2002), o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe* (CARDOSO, 2002), o *Atlas Linguístico Sonoro de Pará* – (RASKY, 2004), o *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o *Atlas Linguístico de Paraná - II* (ALTINO, 2007), o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA *et al.*, 2007), o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (BESSA, 2010), o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013), o *Atlas Linguístico de Goiás* (AUGUSTO, 2012), o *Atlas Linguístico do Amapá*



(RASKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Alagoas* (DOIRON, 2017) e o *Atlas Linguístico do Acre* (KARLBERG, 2018).

Existem, ainda, alguns atlas regionais em fase de implantação, que pertencem aos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará, além de outras dissertações e pesquisas já concluídas ou em elaboração, enfocando atlas microrregionais.

Salienta-se, ainda, o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO et al., 2014), cuja rede de pontos escolhida a partir de sua extensão territorial e de aspectos que vão da demografia a questões histórico-culturais.

Feita uma revisão nos pontos de Nascentes, os inquéritos foram realizados em 250 localidades do Oiapoque ao Chuí, perfazendo 1100 informantes, uma vez que, em cada ponto, foram inquiridos quatro informantes com escolaridade não superior ao quinto ano do ensino fundamental, à exceção das capitais que tiveram também os inquéritos com informantes de formação superior completa. Assim, dos quatro informantes, há um homem e uma mulher com faixa etária entre 18 e 30 anos e a mesma classificação diagenérica para a faixa de 50 a 65 anos.

O questionário para o ALiB compreende 202 questões de natureza semântico-lexical divididas em 15 áreas semânticas quais sejam: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e vida urbana.

Há também 159 questões de cunho fonético-fonológico e 49 morfossintáticas, além de algumas questões de prosódia, pragmática e sugestões de temas para o registro de discursos semi-dirigido.

Aproveitando uma homenagem às professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota, então diretoras presidente e executiva, respectivamente, em outubro de 2014, quando da realização do III Congresso de Dialetoлогия e Sociolinguística (III CIDS), em Londrina, dois primeiros volumes do ALiB foram lançados pela Editora da Universidade Estadual de Londrina – EDUEL, contendo o primeiro volume a Introdução e o segundo com cento e cinquenta e nove cartas linguísticas, abrangendo, por ora, a variação das capitais do país.



Consta no site do ALiB, que os próximos volumes programados registrarão resultados das 225 localidades, distribuídas por todos os estados brasileiros, incluindo os demais dados das capitais.

O corpus de análise

Para a análise dos dados, usufruiu-se das cartas léxicas do Atlas Linguístico de Pernambuco, do qual foi selecionada a carta 33 com as denominações para a mulher que se vende para qualquer homem, além um corpus coletado a partir de itens lexicais selecionados de alguns capítulos da novela A Indomada. Por isso, convém, *a priori*, apresentar o referido atlas linguístico, com os aspectos metodológicos que contemplam a apresentação dos pontos de inquérito, do perfil dos informantes e a configuração das cartas, seguindo-se da apresentação da obra televisiva.

Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013)

Os inquéritos do ALiPE foram realizados em vinte pontos de inquérito que abrangem os quatro cantos do Estado.

In totum foram inquiridos 84 informantes, sendo 4 em cada município, com faixa etária entre 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, desde que possuísse escolaridade até 5º ano do ensino fundamental – anos iniciais e mais quatro informantes com curso superior quando habitante da capital, com poucas ausências do local de moradia e nenhum problema articulatorio.

Aos informantes foram aplicadas as perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) utilizadas nos inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Após a transcrição dos inquéritos e seleção das variantes, foram construídas 111 cartas: 6 introdutórias, 50 fonéticas, 47 léxicas e 8 morfossintáticas.

A novela A Indomada (SILVA, A.,1997)



A trama da novela exibida de se passa na fictícia cidade de Greenville, em Pernambuco e por muito tempo for controlada por uma importante empresa exportadora de açúcar, com sede em Londres. Porém, com a cultura canavieira em decadência, empresários ingleses e suas famílias abandonaram o local e resolveram se estabelecer no Nordeste e mantiveram os costumes britânicos em seu falar, em seus hábitos que passaram a carregar um hibridismo por vezes cômico, como mencionam Alves e Viana (2002, p. 56):

O uso de palavras e expressões do inglês faz parte do registro linguístico ou dialeto falado em Greenville, e costumes cada vez mais raros, até mesmo na Inglaterra, ainda são cultuados nessa estranha cidade hoje administrada pelo prefeito Ypiranga Pitiguary, cujo caráter, atitudes e gestos resultam da mesclagem caricatural de políticos brasileiros.

Se uma obra literária é construída a partir de um enredo composto por fatos ocorridos ao longo da narrativa, como atesta Gancho (2014), na obra televisiva parece não ser diferente, pois o enredo pode unir gestos e ações que não representam necessariamente a realidade, mas sucedem fatos que acontecem numa dada história com situações vividas pelas personagens da trama, segundo Silva, M., (2021). Assim, em *A Indomada*, são vislumbrados vários núcleos como o da jovem Helena Medeiros, que representava engenheiros de açúcar, retorna de Londres e visa ao casamento com um comerciante forasteiro, mas rico.

Há, ainda, o núcleo da família Medeiros e Albuquerque, de que faz parte a ambiciosa Maria Altiva, que se une a um deputado corrupto, sendo essa a parceria ideal para as suas tramas. Segue-se o núcleo perseguido das ‘camélias’ que vivem numa ‘Casa de Campo’ e são mantidas por Zenilda, desafeto de Maria Altiva, mal suspeitando que seu próprio marido frequenta assiduamente a casa e demonstra carinho pela administradora da casa.

Conforme pode ser contemplado na descrição da Memória Globo, a atenção dos moradores de Greenville se volta para a luta entre Altiva e Helena, ainda mais acirrada quando Teobaldo Faruk se apaixona pela moça, incrivelmente parecida com sua falecida mãe.

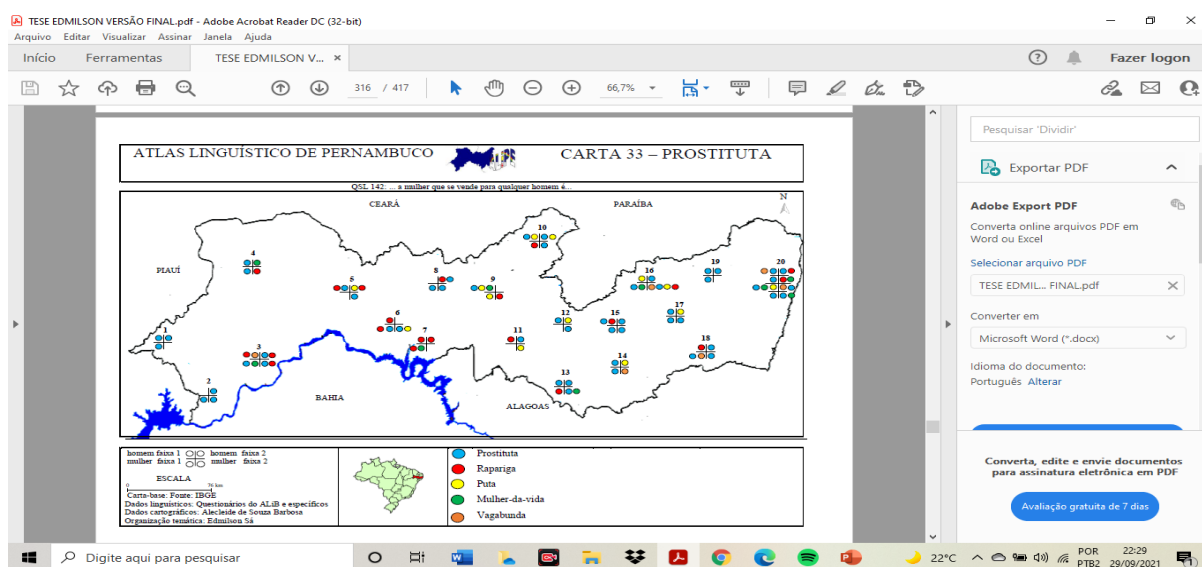
Tem-se, na novela *A indomada*, uma fotografia bem-humorada do Brasil, mesclando realismo fantástico, algo confirmado na morte de Altiva, que vira fumaça e faz ameaças de retorno, com as culturas supostamente pernambucana e inglesa.



Análise dos dados

Para verificar as denominações para a *prostituta* em Pernambuco, foi selecionada a carta 33, da qual foram cartografados seis itens lexicais, conforme pode ser observado na figura 1, disposta na sequência.

Figura 1: Carta com as denominações para prostituta no ALIPE



Fonte: Sá (2013)

Os itens lexicais cartografados no ALiPE foram *prostituta*, *rapariga*, *puta*, *mulher-da-vida* e *vagabunda*. Além desse, encontram-se, nas notas, variantes pouco registradas ou ocorrências únicas como *mulher-de-programa*, *mulher-sem-vergonha*, *mulher-safada*, *mulher-que-não-presta*, *bandoleira*, *galinha*, *quenga*, *mulher-vadia*, *mulher-que-vende-o-corpo*, *mulher-vulgar*, *mulher-de-brega* e *catraia*.

As denominações *prostituta* e *rapariga* se constituem marcas dialetais do Nordeste, por isso, além de se distribuírem em todo o território de Pernambuco, também são mencionadas em outros estados da região. A variante *puta*, por sua vez, embora difundida pelo país, parece carregar um grau de tabuismo, porque não foi referida por mais de um informante em sete dos dois pontos onde foi marcada como resposta.

As acepções que caracterizam e mantém a lexia mulher foram mais espalhadas em Pernambuco a exemplo de *mulher-da-vida*. Itens lexicais como *mulher-de-programa* e



mulher-sem-vergonha foram respondidos por mais de um informante no espaço que vai da Região Metropolitana ao Sertão do Estado.

Na novela *A indomada*, constam vinte e sete qualificações para a *prostituta*, conforme disposto no quadro 1:

Quadro 1: Qualificações para prostituta proferidos na novela A Indomada

bangalafumenga	cabelo de fuá	camélia	catraia
cortesã	égua	findinga	fubana
fusa	marafona	messalina	mucufa
mulher da comédia	perdida	piturisca	prostituta
puta	quenga	rameira	rapariga
ratuína	rongó	sibarita	sujeitinha à toa
tronga	vadia	vaqueta	

Fonte: Organização do autor

Ao fazer um cotejo com as variantes do ALiPE e o que fora proferido na novela, não se encontra uma convergência acentuada, pois apenas *catraia*, *mulher-vadia*, *mulher-perdida*, *puta*, *quenga* e *rapariga*, citadas na obra fictícia, foram registradas em Pernambuco.

Contudo, convém, quando possível, averiguar na lexicografia se as denominações da personagem Maria Altiava se concretizam como conceitos para a mulher que vende seu corpo para qualquer homem. Para isso, usufruir-se-á de notas linguístico-enciclopédicas retiradas de Houaiss (2001).

Quadro 2: Notas linguístico-enciclopédicas Itens lexicais para prostituta proferidos na novela A Indomada

bangalafumenga	s. quimbundo <i>vangala</i> (levar vida de vadio) + <i>fumba</i> (rouba comida). Regionalismo do Nordeste: indivíduo insignificante e inútil.
cabelo de fuá	Não dicionarizada
camélia	s.f. derivado do nome próprio <i>Kamel</i> - arbusto ornamental, da família das teáceas, de folhas ovais e lustrosas e flores geralmente de cor vermelha, rosa ou branca.
catraia	s.f. origem desconhecida. prostituta



cortesã	s.f. do francês <i>courtisane</i> . Prostituta refinada que só tem clientes de alta renda
égua	s.f. do latim <i>equam</i> . Regionalismo do Nordeste. Prostituta
findinga	s.f. de origem controversa. Mesmo que meretriz.
fubana	s.f. mesmo que prostituta. segundo Nei Lopes, provavelmente do quicongo <i>fumbana</i> no sentido de ter relações sexuais, talvez também sob influência do quicongo fubana no sentido de objeto gasto
fusa	s.f. de origem controversa. Mesmo que meretriz
marafona	s.f. de origem controversa. Mesmo que meretriz. Segundo frei João de Sousa, do árabe <i>mar{,}a haina</i> no sentido de mulher enganadora, de onde também origina marafaia
messalina	s.f antropônimo Valéria Messalina (22-48 d.C.), imperatriz romana, mulher de Cláudio I, que se entregou à devassidão, tendo sido executada por ordem do imperador, depois de ter casado publicamente com Sílio, com a intenção de fazê-lo tomar o lugar de Cláudio.
mucufa	s.f. de origem obscura. Nei Lopes sugere alteração de <i>mucufô</i> . Para ele, advém do quicongo <i>mu-kufu</i> no sentido de alimento pelo qual se sente rejeição pela repetição; falta de apetite por repugnância; lembra também a palavra <i>mukufu</i> dorso cego de faca, por ser coisa sem préstimo. Sem importância; insignificante.
mulher da comédia	Não dicionarizada
perdida	Particípio de perder. Do latim <i>perdere</i> , perder.
piturisca	s.f. de origem controversa. Mesmo que meretriz.
prostituta	s.f. do latim <i>prostitūta,ae</i> (no sentido definido); mulher que exerce a prostituição
puta	s.f. do latim vulgar <i>*puttus</i> , quem se entrega, prostituindo.
quenga	s.f. Do quimbundo <i>kienga</i> no sentido de tacho; mulher que exerce a prostituição; meretriz
rameira	s.f. De ramo + -eira, do latim <i>ramus</i> , galho. Nome dado no século XV, em Portugal, às frequentadoras de tabernas que, para assinalarem sua presença, ostentavam na porta ramos de árvores.

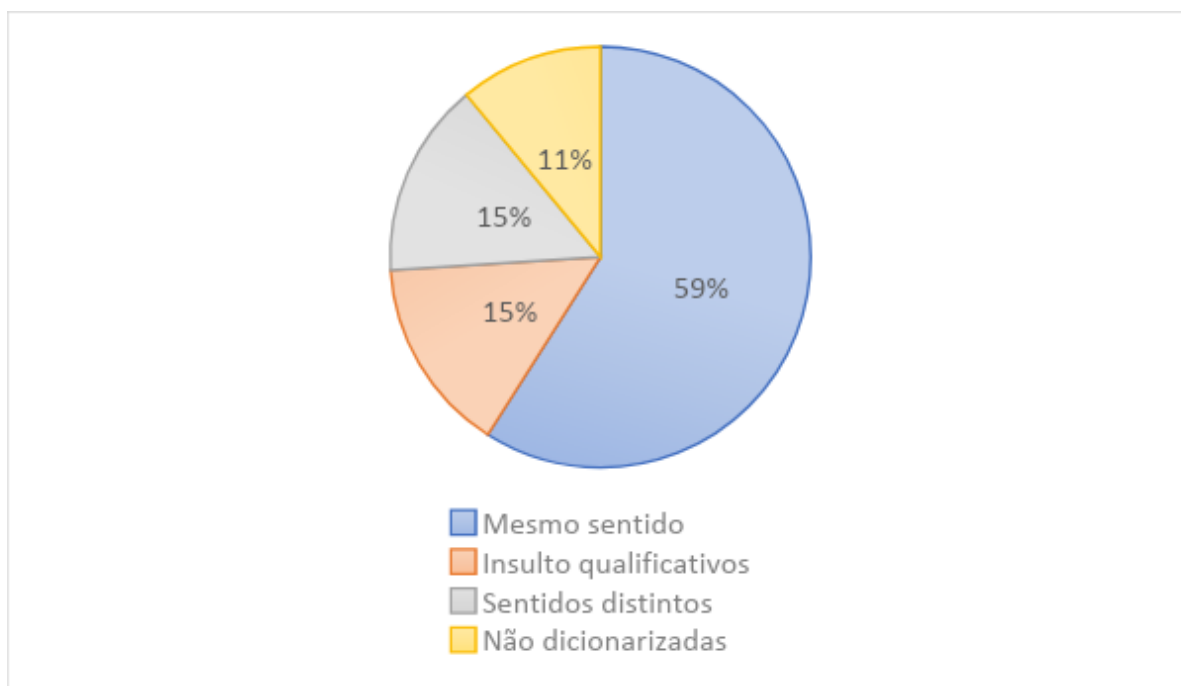


rapariga	s.f. Segundo Corominas, vocábulo mais recente que rapaz, explicado por algum cruzamento ou alteração moderna; acrescenta ele que -igo não é uma terminação corrente no português e sugere uma forma * <i>raprigo</i> , do leonês <i>rapiego</i> no sentido de rapaz, rapinador. Brasileirismo mais registrado no Nordeste, em Minas Gerais e em Goiás, mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta.
ratuína	s.f. Do latim vulgar <i>rattu</i> + <i>ino</i> . Meretriz de muito baixa categoria. Sem nenhum préstimo ou valor
rongó	s.f. De origem controversa. Mesmo que meretriz.
sibarita	s.f. Do grego <i>subarítēs</i> , no sentido de habitante de Síbaris, cidade célebre pelo luxo e pela morosidade de seus habitantes que ou quem é dado aos prazeres físicos, à voluptuosidade e à indolência, a exemplo dos antigos habitantes de Síbaris que, muito ricos, tinham fama de cultivar esses hábitos.
sujeitinha à toa	Não dicionarizada
tronga	Do espanhol <i>tronga</i> no sentido de meretriz.
vadia	Do latim * <i>vagatīvus</i> no sentido de sem preocupação, vagabundo; mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral.
vaqueta	De vaca + eta, o latim <i>vacca,ae</i> , mulher que pratica prostituição; meretriz

Fonte: Organização do autor

Como se observa no quadro 2, mais da metade das denominações selecionadas na novela *A Indomada* tem a acepção esperada da mulher que se vende para qualquer homem, solicitada na questão 142 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) aplicada no ALiPE. O gráfico 1, a seguir, mostra uma taxinomia das denominações selecionadas na telenovela.

Gráfico 1: Denominações para prostituta em *A Indomada* conforme Houaiss (2001)



Fonte: elaboração do autor

O gráfico 2 aponta 59% de denominações cujo sentido lexicografado condiz com a resposta esperada, como, por exemplo, *catraia*, *quenga* – também registradas no ALiPE – *fubana*, *fusa*, *marafona*, *piturisca*, *ratuína*, *rongó*, *tronga* e *vaqueta*. Com percentual mais reduzido, as denominações de sentidos distintos como *sibarita* e *camélia*, que significam respectivamente habitante de Síbaris e planta de folhas ovais e lustrosas e flores geralmente de cor vermelha, rosa ou branca, obtiveram apenas 15% do total.

O mesmo percentual de denominações representativas de sentidos distintos se iguala ao de insultos qualificativos como *bangalafumenga*, *mucufa* e *perdida*, que apenas caracterizam insignificância e inutilidade da pessoa que os detém.

Considerações finais

No universo cultural e social, a língua é moldada e adequada de acordo com conceptualização dos membros de uma sociedade específica e todos os costumes, tradições, crenças, invenções e atividades estão correlacionados com o campo lexical.



Assim, mesmo se tratando de uma produção fictícia em que ingleses teriam ‘fundado’ uma cidade no Nordeste, supostamente, pertencente ao Estado de Pernambuco, é através do léxico que são refletidas as tradições, a história, o presente, o passado, seja o ambiente físico, social ou cultural.

Conforme encontrado em Biderman (2001, p. 9), na medida em que “o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos de cultura”, e as denominações para *prostituta* compartilhadas com dados oriundos de um *corpus* do mesmo estado nordestino apenas coroam esses fatos, o que se confirmou na diversidade de itens quer cartografados, quer mencionados em notas observacionais.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná: ALPR II**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ALVES, Júnia de Castro Magalhães; VIANA, Maria José Motta. A Indomada: teledramaturgia brasileira na era do multiculturalismo. **Revista Fragmentos**, número 23, p. 055/069 Florianópolis/ jul - dez/ 2002.

ARAGÃO, M. do S. S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. P. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília:UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. v. 1, 2.

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas Linguístico do Estado de Goiás**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). **Atlas Linguístico do Ceará**. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria lingüística: teoria lexical e teoria computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1 e 2. Londrina : EDUEL, 2014.



CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística**: tradição e realidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CRUZ, Maria Luiza Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

DOIRON, Maranhão Pereira Barbosa. **Atlas Linguístico do Estado de Alagoas - ALEAL**. Tese de doutorado. Londrina: UEL, 2017.

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FREIKARLBERG, Luísa Galvão Lessa. **Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC**: fronteiras léxicas. Rio Branco: Edufac, 2018.

GANCHO, Cândida Vilar. **Como analisar narrativas**. 9a ed., Série Princípios, São Paulo: Ática, 2014.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KOCH, Walter et al. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol.1, 1958.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, José et. al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16 ed. - São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção primeiros passos) .

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.



SILVA, Marina Cabral da. **Enredo linear e não linear**. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/enredo-linear-naolinear.htm>>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

SILVA, Aguinaldo. **Telenovela A Indomada**. Rede Globo de Televisão. 1997.

VILELA, Mário Augusto Quinteiro. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1994.